

3

CAPÍTULO

Procedimentos metodológicos da pesquisa

*“Não haverá nunca uma porta. Estás dentro
E o alcácer abarca o universo
E não tem nem anverso nem reverso
Nem externo muro nem secreto centro.
Não esperes que o rigor de teu caminho
Que teimosamente se bifurca em outro,
Tenha fim. É de ferro teu destino
Como teu juiz. Não aguardes a investida
Do touro que é um homem e cuja estranha
Forma plural dá horror à maranha
De interminável pedra entretecida.
Não existe. Nada esperes. Nem sequer
A fera, no negro entardecer.”*

(BORGES, 2001, p. 31)

Antes de mais nada, faz-se necessário explicar que o trabalho realizado por Rocha (2015o) teve por objetivo geral investigar a aprendizagem criativa na aula de piano em grupo numa turma de alunos do CLM da UFRN no primeiro semestre de 2015. Tendo em vista esse objetivo geral, o autor estabeleceu um roteiro de procedimentos metodológicos, que foi seguido para que esse objetivo pudesse ser alcançado. Esse roteiro será retomado com detalhes no que segue.

3.1 O universo em que se aplicou a pesquisa

Os participantes do estudo foram catorze alunos, matriculados nas disciplinas Prática de Instrumento Harmônico (PIH) I e II do CLM da UFRN, no semestre 2015.1, dos quais doze eram oriundos dos cursos de licenciatura e bacharelado em música, um do curso de medicina e um do curso de tecnologia da informação. Também foi participante da pesquisa a professora responsável dessa disciplina naquele semestre, a Dra. Betânia Maria Franklin de Melo, que acompanhou o processo e interagiu conosco por meio de conversas informais fora do horário de aula.

Do universo de catorze participantes dessas aulas, foi alcançada uma amostra de sete sujeitos que responderam às entrevistas semiestruturadas, tendo como critério a participação voluntária por conveniência. A professora responsável pela disciplina também participou indiretamente, por meio de conversas informais e de orientações sobre alguns procedimentos e situações comuns às aulas e também sobre peculiaridades relacionadas aos alunos dessas disciplinas.

As aulas foram ministradas no Laboratório de Piano em Grupo da Escola de Música da UFRN (EMUFRN), espaço climatizado, com acesso à internet via Wi-Fi, oito pianos digitais em funcionamento, fones de ouvido, bancos, mesa, cadeira, quadro e armário. Além desse ambiente, os alunos também tinham a possibilidade de estudar fora do horário de aula em salas individuais de estudo de piano, espaço disponibilizado pela UFRN.

A EMUFRN foi fundada em 1962 na cidade de Natal (RN) e, há décadas, vem desenvolvendo ações como a promoção de seminários, recitais, festivais, apresentações musicais de professores e alunos, entre outras ações. Sua missão “é educar, produzir e disseminar o saber e o fazer musicais na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento humano, comprometendo-se com a justiça social, a democracia e a cidadania.” (UFRN, [20--]a)³. Além dos cursos de extensão e pesquisa, como o curso de Musicalização, o Curso de Iniciação Artística (Ciart) e curso básico, há também grupos musicais, como o Coral Madrigal e a orquestra, além dos cursos técnico, bacharelado e licenciatura em música e, mais recentemente, o programa de pós-graduação, que oferece cursos de especialização e mestrado em música nessa instituição. (UFRN, [20--]b).

O CLM da UFRN foi iniciado em 2005 com o objetivo de formar docentes em música e, nos últimos anos, passou por reformas curriculares. Constam, entre suas disciplinas, as **Práticas de Instrumento Harmônico** como componentes curriculares obrigatórios, que estão divididas em quatro módulos semestrais

3 Documento *online* não paginado.

(BARROS, 2014). No entanto, essas disciplinas não atendem somente aos alunos do CLM, mas, também, aos alunos dos cursos de bacharelado em música e de outros cursos, que podem se matricular com o objetivo de cumprir crédito como atividade complementar.

A estrutura física da escola abriga um prédio novo de dois andares, com dois auditórios, um estúdio, 25 salas climatizadas, entre elas, oito cabines (salas exclusivas para o estudo individual de piano, contendo pianos de armário acústicos e uma sala para aulas coletivas de piano, com oito pianos digitais, que aqui denominamos de Laboratório de Piano em Grupo). (UFRN, [20--]c).

A disciplina PIH (piano) divide-se em quatro módulos semestrais e destina-se aos alunos dos cursos de licenciatura e bacharelado em música da UFRN e também aos alunos de outros cursos, que podem se matricular nesse componente curricular como disciplina complementar optativa.

Quadro 3.1 – Ementas das disciplinas PIH I e II (piano), do CLM da UFRN.

PIH I	PIH II
Ementa	
<ul style="list-style-type: none"> • Introdução à técnica do instrumento e fundamentos do acompanhamento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo de repertório para o desenvolvimento da técnica do instrumento e aprofundamento do acompanhamento instrumental.
Objetivos	
<ul style="list-style-type: none"> • Introduzir os princípios básicos de técnica pianística, como: postura corporal e movimentos adequados ao instrumento no ato de tocar; • Conhecer e praticar digitação ao teclado com emprego de dedilhado para os cinco dedos, por meio de pequenas melodias com acompanhamento; • Ler na clave de sol e de fá, simultaneamente; • Adequar a coordenação motora entre os dois membros superiores; • Tocar pequenas melodias com acompanhamento simples; • Aplicar conhecimento básico de harmonia à prática do piano. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver exercícios da classe de harmonia; • Desenvolver a leitura.

(continua)

Quadro 3.1 – Ementas das disciplinas PIH I e II (piano), do CLM da UFRN (continuação).

Conteúdos	
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento do teclado e da postura no instrumento; • Exercício de frases curtas com mãos alternadas; • Introdução do acorde fundamental, como acompanhamento, nas tonalidades de: dó, fá e sol maior, nas peças estudadas; • Leitura de canções com substituição de dedos; • Prática de leitura à primeira vista; • Percepção da sonoridade adquirida no desenvolvimento das atividades; 	<ul style="list-style-type: none"> • Pentacordes, escalas maiores, arpejos e acordes; • Coordenação e função das mãos direita e esquerda; • Adaptação mão/teclado em várias estruturas melódicas; • Emprego básico do pedal direito; • Leitura à primeira vista; • Escalas menores, arpejos e acordes; • Execução de peças em estilos coral; • Sonoridade: aplicação dos conhecimentos adquiridos nos estudos e
Conteúdos	
<ul style="list-style-type: none"> • Estudo elementar da diversidade de acompanhamentos; • Execução de melodias curtas para criação de acompanhamento; • Exercício de Harmonia com os graus tonais para acompanhamento de melodias improvisadas nas tonalidades trabalhadas. 	<ul style="list-style-type: none"> • peças.
Repertório	
<ul style="list-style-type: none"> • Peças curtas com acompanhamento de acordes e/ou baixo de Alberti, aplicadas aos conteúdos estudados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Recorte de temas folclóricos brasileiros, para uso de acompanhamento.
Competências e Habilidades	
<ul style="list-style-type: none"> • Tocar pequenas melodias com acompanhamento no âmbito de duas ou três oitavas; • Aplicar conhecimento básico de harmonia ao piano; • Dominar os princípios básicos da técnica pianística no nível de iniciante; • Ler partitura para piano compostas nas claves de sol e fá. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tocar pequenas melodias com acompanhamento no âmbito de duas ou três oitavas; • Aplicar conhecimento básico de harmonia ao piano; • Dominar os princípios básicos da técnica pianística no nível de iniciante; • Ler partitura para piano compostas nas claves de sol e fá.

Fonte: adaptado de Barros (2014).

Ao realizarmos uma análise nas ementas da disciplina PIH I e II, constatamos que não havia abordagens criativas ali previstas –como o uso de improvisação, composição, arranjo, entre outras, para o ensino de piano em grupo. No entanto, entendemos, em conformidade com a discussão levantada no Capítulo 2 deste livro, que essas abordagens criativas poderiam ser exploradas e servir como meios didático-musicais alternativos aos normalmente empregados no exercício dessas disciplinas. Por isso, ao planejarmos e realizarmos as aulas de piano em grupo, investigadas em Rocha (2015o), buscamos promover uma ação interventiva na disciplina PIH, utilizando práticas criativas em sala de aula. Essas ações promoveram grandes mudanças, tanto no autor/responsável pela pesquisa e na professora responsável por essas disciplinas no primeiro semestre de 2015, que foi extremamente receptiva e nos permitiu realizar as ações propostas, como também na aprendizagem dos alunos. Essas práticas criativas são descritas e discutidas no Capítulo 4 deste livro e as avaliações das perspectivas dos alunos sobre seus processos de aprendizagem neste contexto encontram-se no Capítulo 5.

3.2 Procedimentos metodológicos

Tendo em vista que o objetivo de uma pesquisa qualitativa “é construir uma memória experiencial mais clara e também ajudar as pessoas a obterem um sentido mais sofisticado das coisas” (BRESLER, 2007, p. 13), a pesquisa de Rocha (2015o), de caráter qualitativo, adotou como procedimento metodológico a pesquisa-ação, que foi desenvolvida por meio de ações pedagógico-musicais, como já mencionado, realizadas nas disciplinas PIH I e II (piano) do CLM da UFRN. Esse procedimento também compreendeu a realização de observações dentro e fora do ambiente de aula, com o intuito de coletar dados sobre as atividades desenvolvidas. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com parte dos alunos participantes do processo, rodas de conversa com todos os alunos e com a professora dessas disciplinas, e também constantes interações realizadas por meio do grupo Virtual EPG no WhatsApp⁴, no qual foi possível coletar depoimentos, observar experiências de criação e compartilhar gravações em áudio e vídeos, fotos e registros de atividades realizadas durante as aulas. Esse ambiente virtual mostrou-se um valioso espaço para o esclarecimento de dúvidas sobre assuntos relacionados às aulas e permitiu trocas colaborativas entre participantes.

4 Rede social virtual; um *software* para *smartphones* que permite troca de textos, áudios, imagens e vídeos por meio de uma conexão ativa com a internet.

3.2.1 A pesquisa-ação

A pesquisa-ação constitui-se num modelo de investigação científica, ou estratégia metodológica da pesquisa social, empírica, estruturada e concretizada a partir de uma ação ou resolução de um problema coletivo em que tanto o(s) pesquisador(es) quanto os participantes inseridos estão envolvidos e colaboram ou participam diretamente por meio de uma ação prática. Essa pesquisa não se restringe a uma única forma de ação, mas almeja aumentar o conhecimento dos pesquisadores e dos grupos considerados, acompanhando ações correspondentes, por meio de resolução de problemas, tomada de consciência ou produção de conhecimento. Para Tripp (2005), a pesquisa-ação é um dos tipos de investigação-ação de difícil definição, por se apresentar sob diferentes aspectos e se desenvolver distintamente para diferentes aplicações. Porém, trata-se de uma abordagem que requer ação nas áreas práticas e na pesquisa científica, alterando aquilo que pesquisa ao mesmo tempo em que é limitada por seu contexto e ética prática. Nesse contexto, esse tipo de pesquisa ocorre num ciclo básico de investigação-ação dividido em quatro etapas: 1) planejar a melhoria da prática; 2) agir para implementar a melhoria da prática; 3) monitorar e descrever os efeitos da ação; 4) avaliar os resultados da ação.

Segundo Thiollent (1986, p. 14), a pesquisa-ação

é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Conforme Thiollent (1986), a pesquisa-ação caracteriza-se pela **interação entre pesquisadores e sujeitos na situação investigada**, da qual resultam a priorização dos problemas e as possíveis soluções a serem adotadas por meio de uma ação prática, cujo objeto é a situação social e os problemas encontrados, visando a resolvê-los ou esclarecê-los. É fundamental, no decorrer desse processo, o acompanhamento de todas as ações dos atores envolvidos. A pesquisa-ação pode conter diversas técnicas de pesquisa sociais para criar uma estrutura coletiva e participativa e orientar o pesquisador em sua estruturação. Desse modo, alguns objetos de conhecimento que podem ser alcançados por meio da pesquisa-ação são: a coleta de informações de situações e atores em movimento; a concretização de conhecimentos teóricos; a comparação das representações dos interlocutores; a produção de regras práticas para resolver os problemas e planejar ações; os ensinamentos quanto à conduta da ação e condição de êxito e possíveis generalizações a partir de pesquisas semelhantes.

Thiollent (1986) considera ainda que, durante a fase de definição da pesquisa-ação, o pesquisador deve adotar uma atitude de escuta e elucidação em relação aos sujeitos ou grupos pesquisados, possibilitando-lhes compreender, decifrar, interpretar, analisar e obter uma síntese material resultante de sua situação investigativa. Para isso, a configuração da pesquisa-ação relaciona-se aos seus objetivos, práticos ou de conhecimento, e contextos. Esse tipo de pesquisa possui caráter coletivo no processo de investigação, fazendo uso de técnicas de seminário, entrevistas coletivas e reuniões de discussão com os interessados. São priorizadas as técnicas coletivas e ativas, gerando material a partir da própria situação investigativa.

Na perspectiva de Dionne (2007), uma pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que pode ser aplicada quando há uma situação problema que necessita de uma intervenção coletiva de atores para promover uma mudança social, o que implica o estabelecimento de vínculos e possibilidades de trocas entre as partes envolvidas para construir uma intervenção. Nesse sentido, uma pesquisa-ação segue algumas etapas para sua realização: a) a identificação da situação, b) a definição dos objetivos da pesquisa, c) o planejamento metodológico da pesquisa e da ação, d) a realização da pesquisa e da ação, e) a análise e a avaliação dos resultados. Uma pesquisa-ação também pode ser dividida em quatro fases: 1) identificação das situações iniciais, 2) projeção da pesquisa e da ação, 3) realização das atividades previstas na pesquisa-ação e 4) avaliação dos resultados obtidos.

Em outras palavras, Dionne (2007, p. 77) afirma que:

a pesquisa-ação é antes de tudo um modo de intervenção coletiva de mudança social. É realizada junto a grupos reais e é centrada em uma situação concreta, que se constitui problema. Sua duração é a de um projeto de investigação. Persegue dois objetivos concomitantes: modificar uma dada situação e adquirir novos conhecimentos. Pressupõem-se vínculos estreitos entre pesquisadores e atores. Fortalece o relacionamento entre teoria e prática. Permite gerar conhecimentos novos e originais. Tem um alcance sociopolítico maior.

A aplicação da pesquisa-ação no campo da educação apresenta-se relevante e pode evidenciar importantes significados no processo de ensino/aprendizagem. Essa aplicação situa-se entre a prática e a teoria do ensino; possibilita avaliar minuciosamente metodologias e situações pedagógicas; cria, revitaliza e transforma os processos de ensino / aprendizagem para auxiliar professores na resolução de problemas e favorece a interdisciplinaridade, a construção de novos conhecimentos e a ação do professor reflexivo. Contudo, exige que o pesquisador esteja atento “para remodelar, reestruturar, interagir, dialogar, flexibilizar e reavaliar a prática pedagógica ou social, objeto de investigação, caso seja necessária qualquer intervenção” (ALBINO; LIMA, 2009, p. 93).

3.3 Instrumentos de coleta de dados

A seguir, apresentamos os instrumentos de coleta de dados empregados na pesquisa de Rocha (2015o):

- **Observação participante:** utilizado para observação dos processos que ocorreram durante as aulas de piano em grupo e no recital, nos quais atuamos no papel de professores-pesquisadores; e também fora do ambiente de aula, por meio da observação das interações entre os alunos na comunidade virtual da turma, de conversas informais com a professora das disciplinas e também com os próprios alunos. As observações foram anotadas no diário de campo.
- **Diário de campo:** constituído por anotações, relatórios de aulas, registros de conversas; além de comentários e troca de arquivos disponibilizados na comunidade virtual da turma, no aplicativo WhatsApp.
- **Registro fotográfico das atividades desenvolvidas:** realizado com o consentimento de todos os envolvidos e serviram para auxiliar na compreensão dos processos vivenciados.
- **Gravação em áudio para o registro de aulas, entrevistas e criações musicais:** realizada com consentimento prévio dos participantes para compor uma base de dados que foi organizada, categorizada e analisada segundo os critérios adotados na pesquisa.
- **Gravação em vídeo para o registro das observações de aulas e do recital:** todos os registros foram realizados com consentimento dos participantes e utilizados para efeito de estudo, não sendo posteriormente divulgados. Porém, com o consentimento dos alunos, o recital público realizado foi gravado e, posteriormente, divulgado na internet.
- **Entrevistas semiestruturadas:** inicialmente, foi elaborado um roteiro de entrevistas contendo perguntas abertas, que foi testado antes da elaboração e da aplicação de um roteiro de entrevistas definitivo (Apêndice B). Os sujeitos entrevistados foram sete alunos, quatro homens e duas mulheres, entre os alunos matriculados nas disciplinas PIH I e II do CLM da UFRN, que voluntariamente se dispuseram a serem entrevistados. Por questões éticas, mantivemos o anonimato de todos os participantes, adotando um pseudônimo diferente para cada um: Íris, Daniel, Alberto, William, José, João e Alice. As entrevistas foram realizadas no Laboratório de Piano em Grupo da EMUFRN, local onde ocorreram também as

aulas. Essas entrevistas foram registradas apenas em áudio no aplicativo **Gravações Pro**, num *smartphone* modelo iPhone 5. Optou-se por não gravar essas entrevistas em vídeo para tornar o processo mais espontâneo, pretendendo obter maior qualidade nos resultados.

Os alunos entrevistados tinham idade entre 19 e 28 anos, dos quais cinco eram alunos do CLM da UFRN e dois eram alunos de outros cursos; três eram alunos da disciplina **Prática de Instrumento Harmônico I (piano)** e quatro eram alunos da disciplina **Prática de Instrumento Harmônico II (piano)**; cinco homens e duas mulheres. Por questões éticas, cada participante recebeu um pseudônimo.

Quadro 3.2 – Perfil dos entrevistados.

PSEUDÔNIMO	IDADE	SEXO	ALUNO(A) DO CLM	PIH I	PIH II
Alberto	19 anos	Masculino	Não	-	Sim
Alice	22 anos	Feminino	Sim	-	Sim
Daniel	20 anos	Masculino	Sim	Sim	-
Íris	28 anos	Feminino	Sim	Sim	-
João	27 anos	Masculino	Sim	Sim	-
José	24 anos	Masculino	Sim	-	Sim
William	19 anos	Masculino	Não	-	Sim
7 participantes	19 - 28 anos	5 homens 2 mulheres	5 (Música) 2 (outros cursos)	3 alunos de PIH I	4 alunos de PIH II

Fonte: Rocha (2015o).

É importante dizer que entendemos por entrevista, seguindo Elliot (2012, p. 150), “uma conversação com propósito”, um instrumento de avaliação e coleta de dados, no qual a relação entre o entrevistador e o entrevistado é fundamental para a obtenção de resultados satisfatórios. Considerando o que aponta Elliot (2012), na postura de entrevistador da pesquisa, Rocha (2015o) buscou estabelecer uma atmosfera amistosa e de confiança ao mesmo tempo em que buscamos adotar uma posição de neutralidade em relação ao processo. Durante a realização das entrevistas, nem sempre os participantes responderam diretamente ao que havia sido perguntado e, por isso, tivemos que reformular algumas das perguntas com o intuito de obtermos o máximo de informações possíveis desses entrevistados, estabelecendo um clima amigável e adotando uma postura de escuta ativa.

3.4 Instrumentos de organização e análise dos dados

Apresentaremos a seguir os instrumentos de organização e análise de dados empregados na pesquisa de Rocha (2015o).

- **Análise de material bibliográfico:** essa análise foi realizada após a etapa inicial de seleção dos textos para organização da revisão de literatura que compreendeu o fichamento e a seleção dos conteúdos pertinentes para discussão com o intuito de aprofundar as contribuições teóricas.
- **Análise do diário de campo:** elaboramos uma descrição analítica das atividades realizadas e observações de campo: as abordagens em sala de aula, os apontamentos sobre os processos e situações de aprendizagem musical, a observação de depoimentos dos alunos, os apontamentos sobre os processos criativos.
- **Caderno de entrevistas:** este material foi organizado e contém os dados das entrevistas semiestruturadas que foram aplicadas com alguns alunos participantes da pesquisa mediante um roteiro previamente elaborado para essa finalidade. Os dados foram organizados e reorganizados nas categorias: 1) aprendizagem de piano; 2) processo criativo em música e 3) aprendizagem criativa em música na formação docente e estão dispostos em tabelas contendo as transcrições dos depoimentos obtidos por meio das entrevistas.
- **Seleção de imagens:** esse procedimento foi adotado para selecionar imagens, fotos, fragmentos de partituras e exercícios que consideramos mais significativos durante o desenvolvimento das aulas e visa a auxiliar na compreensão de seus diferentes aspectos.
- **Seleção de áudios:** os depoimentos orais gravados no processo de entrevistas foram organizados e nomeados com pseudônimos e, posteriormente, também foram transcritos e analisados. Além dos áudios das entrevistas, os áudios gravados durante rodas de conversa, aulas e processo criativo também foram considerados para efeito de observação e apontamentos formativos de parte da produção do diário de campo.
- **Seleção de vídeos:** selecionamos trechos relevantes das aulas e do recital para o processo de análise das observações de campo, categorizando por temas: 1) processos criativos na aula de piano; 2) produtos criativos; e 3) recital.

- **Seleção de materiais produzidos:** selecionamos algumas mostras das criações elaboradas pelos alunos, como: exercícios de criação, composições e arranjos, tanto registrados em áudio ou vídeo quanto em partitura, para compreender os processos criativos em música vivenciados durante as aulas de piano em grupo.
- **Transcrição das entrevistas semiestruturadas:** após a realização das entrevistas, realizamos também a transcrição na íntegra das falas dos entrevistados e organizamos esse material, selecionando parte dos depoimentos mais significativos, agrupando em categorias de análise. Foram criadas três categorias de perguntas relacionadas ao tema aprendizagem criativa de piano visando a captar as perspectivas dos participantes sobre os temas: 1) aprendizagem de piano; 2) processo criativo em música e 3) aprendizagem criativa em música na formação docente. Esses dados estão contidos no caderno de entrevistas organizado pelo autor desta pesquisa com a finalidade de organizar os dados para a etapa de análise.
- **Organização dos dados:** os dados coletados por meio das observações registradas no diário de campo foram transcritos na íntegra no programa de computador Word, ao longo da realização das aulas. Já os dados coletados por meio das entrevistas semiestruturadas foram organizados e categorizados em tabelas num caderno de entrevistas, formatado pelo autor da pesquisa.
- **Tratamento dos dados:** os dados que foram coletados e organizados nas etapas anteriores foram analisados e categorizados segundo critérios pre-estabelecidos em cada contexto.

3.5 A pesquisa-ação no contexto da pesquisa

Na pesquisa, como mencionado, optamos pelo procedimento metodológico de uma pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986; TRIPP, 2005; DIONNE, 2007; ALBINO; LIMA, 2009) dada a necessidade de uma dupla atuação da parte do pesquisador/autor, como professor de piano, planejando e promovendo ações músico-didáticas criativas na aula de piano e, ao mesmo tempo, como pesquisador, observando de forma participativa e agindo de forma crítica às situações investigadas, visando a esclarecer e resolver as questões de pesquisa apontadas anteriormente. Assim, a opção por uma pesquisa-ação como procedimento metodológico foi necessária, por acreditarmos que esse procedimento nos permitiu agir *in loco* como professor-pesquisador para, por meio de ações educativas e

investigativas, provocar reflexões, mudanças sociais e transformações em todos os participantes do processo, começando por nós mesmos, o que, de acordo com nossas constatações, ocorreu e será esclarecido nos Capítulos 4 e 5 deste livro. No entanto, ainda no contexto dos bastidores de como o trabalho foi realizado, apresentaremos a seguir o desenho metodológico adotado em nossa pesquisa-ação.



Figura 3.1 – Desenho metodológico de nossa pesquisa-ação. Fonte: adaptada de Dionne (2007).

Como na *forma sonata*, gênero musical clássico que pode ser estruturado em diferentes movimentos de andamentos contrastantes, aqui também adotamos os termos normalmente utilizados nesses movimentos para representar cada uma das quatro fases que compreendeu a pesquisa-ação. Assim, temos: Fase 1 (*Allegro*): identificação das situações iniciais; Fase 2 (*Adagio*): projeção; Fase 3 (*Moderato*): realização; e a Fase 4 (*Presto*): avaliação.

Passemos aos diferentes movimentos musicais.

3.5.1 Fase 1 (Allegro) – identificação das situações iniciais

3.5.1.1 A identificação de situações-problema

A primeira etapa da pesquisa-ação foi a **identificação de situações-problema** relacionadas às lacunas em relação ao uso de práticas criativas na aula de piano em grupo. A identificação foi seguida da **definição de objetivos**; do planejamento de práticas criativas e das ações pedagógico-musicais no ensino de piano em grupo que se constituíram por meio de reflexões sobre experiências empíricas obtidas por nós, como professor de piano e como músico: nossas experiências como cantor, compositor, pianista solista, correpetidor de cantores, grupos musicais, corais, e também como professor de piano em aulas particulares, escolas livres e no ensino superior.

As experiências empíricas apontadas anteriormente facilitaram o processo de seleção de materiais pedagógico-musicais e a elaboração de atividades e composições musicais com foco em abordagens criativas de piano, todas concebidas levando-se em consideração o perfil dos alunos e as exigências das disciplinas PIH I e II (piano) do CLM da UFRN. A compreensão do perfil desses alunos ocorreu antes do início das ações realizadas, graças ao diálogo com a professora responsável pelas disciplinas, que nos advertiu a respeito de alguns dos desafios que seriam enfrentados pelo autor deste trabalho em sala de aula, como: a variedade de alunos que normalmente se matriculavam no curso; o índice de evasão; as dificuldades que os alunos encontravam para estudar em virtude de falta de instrumento, falta de motivação de alguns alunos e dificuldade técnica dos alunos que normalmente estudam outros instrumentos musicais, que possuem exigências diferentes.

Além disso, também foram importantíssimas as vivências que tivemos no segundo semestre de 2014, durante a realização da atividade de Docência Assistida 1 do Mestrado em Música da UFRN, que nos permitiu acompanhar e participar das aulas da disciplina PIH III e IV do CLM da EMUFRN, com a Professora Doutora Betânia Melo, a mesma professora responsável pelas disciplinas PIH I e II. Durante a realização dessa atividade de docência assistida, tivemos a oportunidade de conhecer melhor as ações desenvolvidas no ensino de piano em grupo pela professora responsável por essas disciplinas.

Desse modo, pudemos refletir a respeito dos diversos aspectos positivos desse método, entre eles, as estratégias de leitura musical de partituras, as bases para a técnica pianística, o uso de repertório de métodos relevantes no ensino de piano

em grupo, as práticas individuais e coletivas, os processos de colaboração mediados por afetividade e trocas, entre outros.

No entanto, percebemos a existência de alguns problemas relacionados ao pouco incentivo de práticas criativas nas aulas de piano em grupo e consideramos a utilização de atividades relacionadas à composição, à improvisação e ao arranjo. Assim, mediante essas experiências, foi elaborada a composição **Cenas Indígenas n. 1** (publicada posteriormente)⁵, para quatro pianos, que possui uma seção destinada à prática da improvisação. Essa composição foi estudada pelos alunos das disciplinas PIH III e IV, pelo autor da pesquisa e pela professora Betânia. Em meio às aulas, tivemos a oportunidade de ensaiar, tocar e improvisar juntos e, depois, por sugestão de um dos alunos, organizar e apresentar essa composição, juntamente com outras, num recital público, no qual os alunos, o autor desta pesquisa e a professora Betânia participaram tocando juntos. Em meio a esse processo, foi escrito um artigo relacionado a essa composição, que foi publicado pela professora Betânia e pelo autor da pesquisa e que foi apresentado em Salvador (BA), durante o VI Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento, em novembro de 2014.

3.5.1.2 A definição de objetivos

Tendo em vista o problema da pesquisa referido anteriormente, relacionado ao pouco incentivo dado às práticas criativas na aula de piano em grupo, ressaltamos aqui que o objetivo central da pesquisa-ação foi **investigar a aprendizagem criativa em aulas de piano em grupo**. Correlacionados ao objetivo geral, os objetivos específicos foram:

- planejar procedimentos músico-didáticos criativos para o ensino de piano em grupo, nas disciplinas PIH I e II, do CLM da UFRN;
- aplicar procedimentos músico-didáticos criativos nas disciplinas PIH I e II, do CLM da UFRN;
- discutir procedimentos músico-didáticos criativos utilizados nas disciplinas PIH I e II, do CLM da UFRN; e
- avaliar as perspectivas dos alunos mediante sua participação nas disciplinas PIH I e II, do CLM da UFRN.

5 Cf. Melo e Rocha (2014).

3.5.2 Fase 2 (Adagio) – projeção da pesquisa e da ação

3.5.2.1 O planejamento metodológico da pesquisa e da ação

Compreendeu o processo inicial de revisão de literatura; a pesquisa e seleção de materiais pedagógico-musicais relevantes para formatar um plano de atividades criativas para ser aplicado em aulas de piano em grupo; a elaboração de um plano estratégico de ações pedagógico-musicais tendo em vista atividades criativas no ensino de piano em grupo, que compreenderam o processo de dez aulas e um recital; e a elaboração de um roteiro de entrevistas semiestruturadas.

3.5.3 Fase 3 (Moderato) – realização das atividades previstas na pesquisa-ação

3.5.3.1 A realização da pesquisa e da ação

Ocorreu mediante aplicação de procedimentos pedagógico-musicais criativos nas aulas das disciplinas PIH I e II do CLM da UFRN; realização de um recital com os alunos; coleta de dados por meio de observações das aulas e dos processos desenvolvidos, utilizando para isso um diário de campo, registros em áudio e vídeo e registro fotográfico e aplicação de entrevistas semiestruturadas com os alunos participantes, visando a capturar suas perspectivas relacionadas aos processos de aprendizagem musical vivenciados.

A Fase 3 da pesquisa-ação foram aulas de piano em grupo com alunos das disciplinas PIH I e II do CLM da UFRN, visando a promover atividades que pudessem estimular o potencial criativo desses alunos. Para tanto, foram aplicados os procedimentos músico-didáticos criativos planejados na Fase 1. A possibilidade de atuar nessas aulas deveu-se a alguns fatores: a) nosso interesse pelo campo de pesquisa; b) o fato de estarmos participando da disciplina Docência Assistida II, do PPGMUS da UFRN, em 2015.1; c) a gentileza da professora Dr^a. Betânia Melo em nos conceder seu espaço para que pudéssemos realizar as atividades propostas; d) a aceitação dos alunos em participar da pesquisa.

O material didático utilizado foi constituído por um conjunto de composi-

ções e atividades elaboradas e organizadas pelo autor da pesquisa com foco em promover processos criativos na aula de piano em grupo. Entre essas experiências estão atividades para elaboração de arranjo, composição, improvisação; tocar de ouvido; prática de acompanhamento; leitura de partituras e cifras alfabéticas ao piano; registro musical em partitura e por meio de gravações em áudio e/ou vídeo, tanto utilizando abordagens em grupo quanto abordagens individuais. Além disso, também foi utilizado um caderno de atividades organizado e recomendado pela professora responsável pelas disciplinas citadas, contendo exercícios e um repertório elementar de piano, que foi também utilizado durante as aulas realizadas, mas adaptado pelo pesquisador, visando a explorar e a evidenciar práticas criativas na aula de piano em grupo.

Inicialmente, durante a realização da **Docência Assistida II**, o papel de atuação do autor desta pesquisa foi o de auxiliar a professora das disciplinas PIH I e II, observando suas ações nas aulas e intervindo quando solicitado, esclarecendo dúvidas dos alunos e mostrando exemplos musicais ao piano. Nessa etapa, a professora ministrou sozinha algumas aulas, abordando conteúdos e aspectos da técnica pianística, como: a posição da mão, o dedilhado, a postura, a execução de acordes e escalas; além de abordagens para a leitura de partituras; a realização de exercícios; e o estudo de repertório elementar para piano, presente no caderno de atividades organizado por ela.

Depois de alguns encontros, este autor teve a oportunidade, concedida pela Professora Betânia, de assumir parcialmente duas de suas turmas para a realização das atividades propostas na pesquisa. Assim que isso foi possível, passou-se a aplicar o plano de atividades criativas proposto anteriormente, contemplando abordagens individuais e em grupo, como: o tocar de ouvido, a improvisação, a leitura de partituras, a composição musical de melodias, a harmonização, a composição musical livre, a elaboração de arranjos, o acompanhamento musical, o registro de composições por meio de gravações em áudio e/ou vídeo e do registro grafado em partituras. Essas atividades são relatadas no Capítulo 4 deste livro, juntamente com a análise teórico-reflexiva desse material. Seguem, no Quadro 3.3, de forma resumida, os conteúdos e as abordagens realizadas em cada um desses encontros.

Quadro 3.3 – Planejamento de aulas de piano em grupo utilizando práticas criativas.

AULAS	ABORDAGENS
1ª Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentações iniciais e exposição do plano de trabalho; • Solicitação para que os alunos participassem de nossa pesquisa (uso de um Termo de Consentimento); • Conversa diagnóstica para compreender o perfil dos alunos e buscar atender às suas necessidades técnico-musicais;
2ª Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Atividade de leitura rítmica e improvisação. • Estudo de A marcha dos primeiros passos: atividades de leitura de partituras e improvisação por meio de uma composição elaborada pelo autor deste trabalho, especialmente para as aulas das disciplinas PIH I e II; • Ondas: atividade de leitura e improvisação;
3ª Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Jogo da imitação: atividades de improvisação envolvendo ações como apreciação musical e tocar de ouvido.
4ª Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Pré-avaliação: revisão dos conteúdos e das abordagens vivenciadas durante as aulas/encontros.
5ª Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Prova (prevista como atividade obrigatória das disciplinas PIH I e PIH II): foram consideradas as atividades de leitura de partitura à primeira vista; tocar de ouvido; transposição de uma música folclórica brasileira, utilizando o acompanhamento de uma base harmônica simples, como a sequência I-V-I ou I-IV-V-I; interpretação de repertório individual; performance de um arranjo elaborado pelos alunos a partir de uma música de seu gosto pessoal; improvisação em grupo; interpretação de repertório para piano em grupo; autoavaliação e participação nas aulas.
6ª Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo de repertório e exercícios; • Composição orientada 1 e 2; registro da composição em partitura e gravação em áudio/vídeo.
7ª Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo de repertório e exercícios; • Composição livre: compor, gravar, analisar e desenvolver ideias musicais, registrar em partitura/áudio/vídeo, compartilhar, discutir, aprimorar ideias.
8ª Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Composição livre – edições; • Revisão de conteúdos e atividades; • Roda de conversas sobre o processo criativo.

(continua)

Quadro 3.3 – Planejamento de aulas de piano em grupo utilizando práticas criativas (continuação).

9ª Aula	<ul style="list-style-type: none"> • Roda de conversa sobre composição; • Ajustes nas criações; registro em áudio/vídeo do processo;
10ª Aula Recital	<ul style="list-style-type: none"> • Ensaio para o recital. • Roda de conversa sobre os processos; • Ensaio geral para o recital; • Realização de um recital público na EMUFRN.

Fonte: Rocha (2015o).

Paralelamente às aulas, também foram coletados dados por meio da escrita em diário de campo das observações e dos apontamentos relacionados às aulas e dos processos de aprendizagem vivenciados, considerando nossa perspectiva como educador musical. Após o recital, foram realizadas também entrevistas semiestruturadas com o objetivo de capturar as perspectivas dos alunos sobre seu processo de aprendizagem musical.

3.5.4 Fase 4 (Presto) – avaliação dos resultados obtidos

3.5.4.1 A análise e a avaliação dos resultados

Os dados coletados foram analisados considerando-se o referencial teórico adotado relacionado principalmente aos temas aprendizagem criativa em música e ensino de piano em grupo; as observações sobre as aulas e o recital, que foram registrados num diário de campo; as entrevistas semiestruturadas realizadas, que foram transcritas, organizadas e tabuladas no caderno de entrevistas; e, de forma complementar, serviram também os dados coletados por meio de conversas informais com a professora das disciplinas citadas; as rodas de conversas com os alunos; os registros de fotos, vídeos e áudios coletados, bem como o registro de conversas da turma participante, no grupo virtual do WhatsApp.

Nesse contexto, a etapa de revisão de literatura ocorreu durante toda a pesquisa, pois, diante dos dados coletados, constatamos a necessidade de buscarmos novas referências teóricas capazes de oferecer uma compreensão mais aprofundada em relação aos assuntos investigados. Constatamos também que os materiais selecionados e o plano de atividades criativas elaborado na Fase 2 surtiram o efeito desejado, que foi a realização de atividades criativas na aula de piano em

grupo e a realização de um recital público.

3.6 Síntese do capítulo

Este capítulo metodológico buscou esclarecer o roteiro de ações e abordagens utilizado na realização da pesquisa, cujos resultados serão sistematizados nos próximos capítulos, explicitando seus diferentes aspectos. Para a obtenção dos resultados, a pesquisa foi dividida em diferentes fases e etapas para que se pudesse atingir o objetivo geral, que era investigar a aprendizagem criativa na aula de piano em grupo.

No Capítulo 4, discutiremos a aplicação de atividades criativas em aulas de piano em grupo, realizadas nas disciplinas PIH I e II, do CLM da UFRN, no primeiro semestre de 2015 e que culminaram na apresentação de um recital público.

